



# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **ANTERO DE QUINTAL NA FILOSOFIA DO SEU TEMPO.**

SILVA, Lúcio Craveiro da

Ano: 1992 | Número: 102

---

### **Como citar este documento:**

SILVA, Lúcio Craveiro da, Antero de Quintal na Filosofia do seu Tempo. *Revista de Guimarães*, 102 Jan.-Dez. 1992, p. 41-50

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

## Antero de Quental na filosofia do seu tempo

Lúcio Craveiro da Silva

Revista de Guimarães, n.º 102, 1992, pp. 41-50

Antero de Quental tem de ser estudado pelo que representa entre nós na encruzilhada das ideias da segunda metade do século XIX, e pelo valor intrínseco da sua obra.

A sua atitude contém um programa e um pensamento. Embora este não corresponda, em eco e profundidade, à significação daquele, não podemos contudo deixar de lhe reconhecer e medir o seu valor excepcional.

O seu programa foi um grito de reacção e de juventude, cheio de esperanças, de inovações e de ardor; a sua obra filosófica realizou-a ele dentro dos horizontes daquele programa e foi principalmente obra do homem já amadurecido e que, infelizmente deixou incompleta, como incompleta ficou a sua vida violentamente truncada.

Se a sua sombra se projecta até nossos dias, é que alguns rasgos do seu programa e da sua obra nos solicitam e correspondem ainda aos nossos problemas e à nossa inquietação.

Antero foi o primeiro a compreender que nascera numa época de transição em que sempre muito do passado morre e o futuro surge como um vislumbre e uma interrogação. A juventude adivinha, como que por instinto, essas curvas da história. Sem compromissos com o passado, sem garantias no presente, facilmente se entrega ao sonho do futuro que a espera. Há muito de inexperiência nessa guerra ao passado; há erro de visão em não reconhecer as riquezas do presente;

há muita ilusão nas esperanças do futuro; mas há, igualmente, muito acerto em destronar ídolos caducos, muita sinceridade em negar valores ociosos que a inércia dos homens ainda acata, e algum realismo em prever os problemas do futuro.

Aquela geração de Coimbra de 1860, inexperiente, ardorosa e irreverente, em que o poeta açoriano pontificava, deu-se conta de que o mundo individualista que nascera da Revolução Francesa chegara ao fim e que a Revolução Liberal de 1822 caíra no academismo, na imobilidade e na eficácia. Compreendera que as crises sociais do trabalho e da distribuição da propriedade exigiam novas soluções; que a economia se universalizara e o individualismo já não chegava para solucionar problemas que se tornaram colectivos e de massa; que as nações não podiam ficar presas ao conceito fechado de soberania do "Ancien Régime", mas tinham de resolver as suas questões em comum, numa perspectiva nova de colaboração. Tentou por isso equacionar os problemas da evolução e da história.

Esta visão permanece actual. Antero soube cair na conta das novas transformações que na sua época sofreram os problemas e o condicionalismo da vida humana. Foi um viajante atento nesta nova encruzilhada da História!

É certo que neste programa havia muito de verdor da mocidade, de negativismo ingénuo, de embriaguez passional, de sonho irreal. Ele mesmo confessou mais tarde: "Queria reformar tudo, eu que nem estava a meio caminho da formação de mim mesmo. Consumi muita actividade e algum talento merecedor de melhor emprego, em artigos de jornais, em folhetos, em proclamações, em conferências revolucionárias"<sup>1</sup>.

Mas isso não tira que Antero tenha sido o primeiro entre nós a formular um programa, que embora seja preciso despojar de muita coisa exagerada e desajustada, contém um fundo de perspectivas certas e actuais.

O autor que lhe revelou as linhas fundamentais desse programa foi principalmente Hegel. Nele compreendeu a necessidade da

---

<sup>1</sup> *Cartas de Antero de Quental*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1921, p. 4.

fundamentação metafísica da realidade e da filosofia da história. Dessa influência nasceram também as Odes Modernas. "O hegelianismo foi o ponto de partida das minhas especulações filosóficas e posso dizer que foi dentro dele que se deu a minha evolução intelectual"<sup>2</sup>. Por causa deste contacto com o pensamento europeu, em que aliás interveio a influência de vários autores<sup>3</sup>, e da consciencialização que em Antero tiveram os novos problemas, bem se pode dizer que então "se abriu uma nova época para o pensamento português"<sup>4</sup>.

Mas o excesso idealista e abstractivista do Autor da Fenomenologia do Espírito provocaram, depois, uma profunda reacção no seu espírito. O Naturalismo hegeliano "não tem soluções verdadeiras, deixa a consciência suspensa, o sentimento, no que ele tem de mais profundo, por satisfazer"<sup>5</sup>. Antero criou o seu "sistema" filosofismo reagindo contra Hegel. Essa reacção foi duplamente sugestiva. Por um lado enfileirou com o que se chama Esquerda Hegeliana, isto é, com aqueles que deduziam dos seus princípios preocupações de reforma social e revolucionária. Para isso, muito o influenciaram, não sem algumas contradições, Michelet, Quinet e sobretudo Proudhon<sup>6</sup>. Dessa tendência revolucionária brotou a sua actividade socialista, a criação da secção portuguesa da "Associação Internacional dos Trabalhadores" e a sua experiência da vida operária, como tipógrafo em Paris.

Mas filosoficamente, a sua reacção contra Hegel teve outro aspecto especulativamente mais rico e não menos actual. Como Kierkegaard, Antero formulou a sua "filosofia do sentimento", isto é, da realidade humana interior e individual, contra esse sistema tão abstracto e impessoal: "o Naturalismo apareceu-me não já como a

---

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>3</sup> É evidente que este contacto não foi só através de Hegel. *Em Antero de Quental, Evolução do seu Pensamento Filosófico*, Colecção "Filosofia", Liv. Cruz, Braga, 1959, estudamos este aspecto no cap. I e sobretudo no cap. II, pp. 45-69.

<sup>4</sup> *Cartas de Antero de Quental*, p. 6.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>6</sup> *Ibid.*, pp. 3-4.

explicação última das coisas, mas apenas como o sistema exterior, a lei das aparências e a fenomenologia do ser"<sup>7</sup>.

Esses dois frutos da reacção contra Hegel que na história originaram duas correntes diferentes: a "Esquerda Hegeliana", com Marx e Engels..., por um lado, e por outro: Kierkegaard, os filósofos do sentimento e, depois, os filósofos da existência, encontraram-se e embateram no espírito de Antero. Com a sua inteligência maleável, viva e repentina, sempre preocupada com as "direcções do pensamento"<sup>8</sup>, ele descobriu esses dois veios que depois inundaram a história da filosofia e da cultura. Descobriu-os, mas não os explorou. A sua obra filosófica inacabada... Mas tentou explicá-los e daí nasceu o que ele apelidou de seu sistema filosófico.

Deste modo se vê que o que na sua juventude se desenhou em correntes tumultuosas e contrárias, permaneceu a preocupação do seu espírito; e mais tarde, quando o sol da reflexão e da madurez despontou na sua inteligência, procurou formulá-las num sistema reflectivo e coerente. Não chegou a concluir a sua obra é certo, mas os seus escritores que nos restam afirmam a permanência dessa preocupação.

Em todo o caso, não podemos deixar de examinar o ponto de partida da sua obra de reflexão, da segunda fase da sua vida, o seu conceito de filosofia.

Espírito atravessado pelas correntes vastas e, por vezes, contraditórias da sua época, a sua concepção de filosofia é cruzada também por um esforço de conciliação e de síntese dessas correntes. Esse esforço é até um dos aspectos mais construtivos do seu filosofar.

Alguma coisa da influência de Hegel permaneceu para sempre na mundividência do Poeta açoriano. Dele recebeu a paixão das grandes sínteses, a necessidade de buscar a explicação do real através da metafísica, a visão evolutiva das coisas, a concepção da humanidade como um fluir histórico. Reagiu, por isso, contra o positivismo, enquanto este negava o valor objectivo da metafísica,

---

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 11. O sublinhado é nosso.

<sup>8</sup> Cf. *Ibid.* p. 12 e *Prosas*, III, pp. 139-140.

mas aceitou dele a sistematização dos dados científicos que Hegel desconheceu<sup>9</sup>.

Por isso em Antero, a filosofia é concebida como um encontro entre a reflexão e a ciência, entre o pensamento abstracto e a experiência concreta: "A filosofia é, de sua natureza, especulativa, e a ciência não pode ser para ela mais que uma matéria prima. Um homem de ciência, por enciclopédico que seja, se não tiver ao mesmo tempo reflectido muito e profundamente sobre as questões puramente racionais, que a ciência suscita e não pode por si resolver, reflectido sobre as ideias abstractas que são, umas, postulados para as diferentes ciências, outras, princípios ordenadores duma explicação geral das coisas, um tal homem de ciência, apesar do seu enciclopedismo, não poderá nunca aspirar ao título de filósofo. Pode dizer que sabe, mas não que entende, porque o problema do universo, como problema total e concreto, será para a sua inteligência, aliás opulenta de factos, tão obscuro, como é para a inteligência de um simples e ignorante. A filosofia não é um mero ajuntamento ou ainda o quadro empiricamente ordenado dos factos do universo: é a compreensão e explicação racional e total desse quadro. Ora, uma tal explicação só é possível no ponto de vista das ideias únicas e fundamentais da razão (substância, causa, fim) e essas ideias têm por isso de ser tomadas em si, pesadas e analisadas. Não faz outra coisa a metafísica; e sem metafísica não há filosofia, porque não há verdadeira compreensão racional, nem verdadeira e total explicação. Metafísica (ou especulação) e ciência (ou observação) são duas séries convergentes, encontram-se: o ponto onde se encontram e, sem se fundirem, reciprocamente se penetram, é que é a filosofia. A filosofia tem pois por matéria a ciência, por forma a metafísica; ou ainda, a filosofia é a observação (quero dizer, os seus resultados), considerada no ponto de vista absoluto da razão"<sup>10</sup>.

Estas palavras foram escritas em 1887; e em 1890 escreveu igualmente no célebre ensaio *Tendências Gerais da Filosofia* na

---

<sup>9</sup> Cf. *Prosas*, III, p. 136.

<sup>10</sup> *Prosas*, III, pp. 23.24. Cf. pp. 83-84, 120.

Segunda metade do Século XIX: "O que é então a filosofia? É a equação do pensamento e da realidade, numa dada fase do desenvolvimento daquele e num dado período do conhecimento desta: o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência: a adaptação possível em cada momento histórico (da história da ciência e do pensamento) dos factos conhecidos às ideias directoras da razão, e a definição correlativa dessas ideias, não por esses factos, mas em vista deles"<sup>11</sup>.

Portanto, para Antero, a filosofia é uma equação entre o pensamento e a realidade. Esta evoluciona na medida em que avançam as ciências positivas e é através desta evolução que o pensamento "dentro dum certo número de formas fixas, de tipos fundamentais de compreensão, sempre os mesmos e como que inquebrantáveis"<sup>12</sup> deve buscar a sua explicação. A filosofia é, portanto, essencialmente evolutiva. Ela não é a verdade absoluta, total e definitiva; contudo "a sua realidade não implica erro, mas só limitação"<sup>13</sup>. "É assim que cada esboço, cada tentativa da verdade filosófica contém em si, apesar das alterações inerentes ao nosso indissipável nevoeiro, a indicação precisa de alguma propriedade fundamental da verdade absoluta"<sup>14</sup>.

O alimento da filosofia são as próprias interrogações: "a filosofia alimenta-se das suas próprias dúvidas. Duvidar não é só uma maneira de propor os grandes problemas: é já um começo da resolução deles"<sup>15</sup>.

Eis como Antero concebe a filosofia. Alimentada pela dúvida que interroga, buscando a verdade absoluta que nunca pode abarcar plenamente, evoluindo, portanto, no seu modo de propor os problemas, ela é a adequação entre o pensamento que explica (a metafísica) e os resultados da experiência (as ciências).

---

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 63.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 63.



Esta noção de filosofia é ainda, afinal, o coroamento das interrogações e das dúvidas da juventude. Conhecer a sua época nas correntes de pensamento, nas novas formas de cultura e de ciência e nas coordenadas da história, foi, de sempre, a sua aspiração. A filosofia é um pensamento que aspira a conhecer "através dos tipos fundamentais de compreensão", as realidades que o cercam. O seu filosofar nasceu, portanto, da sua "situação".

Mas ainda não é tudo. A sua situação não foi passiva, mas ansiava por entregar-se à acção, por intervir na melhoria da condição humana e no arranjo da realidade social. Por isso, este resultado teórico da sua especulação não o podia satisfazer completamente. Assim, da síntese ciência-filosofia, passou ao Pampsiquismo onde, pela ideia de evolução, chegou à noção de libertação do ser consciente. Esta libertação levou-o a uma moral e a uma religião<sup>16</sup>. Eis um resultado que não está de acordo nem com as ideias da "Esquerda Hegeliana", nem com as correntes socialista do tempo. O socialismo era concebido, sobretudo, como acto de ciência; a libertação no homem seria nele, principalmente, fruto das leis e das transformações económicas; Marx naquele tempo superou Proudhon. Ora o socialismo de Antero supunha a moral e a ética; a economia devia estar ao serviço do Bem e do Amor. O socialismo de Antero não seguiu as pisadas de Marx. E se, então, isso foi julgado como inadequado, o socialismo de hoje vem provavelmente dar-lhe razão. O homem devia aperfeiçoar-se a si mesmo e devia construir um mundo moral de bondade com o qual libertaria, uma vez realizado, os outros homens. Ele queria reformar o mundo mas através da reforma do homem; o socialismo, especialmente o marxista, queria reformar o homem através da reforma do mundo. Os caminhos eram quase opostos. Por isso Antero seguindo o seu caminho de reforma moral do homem e desiludido da acção, refugiou-se num misticismo muito seu: "Achei que o misticismo, sendo a última palavra do desenvolvimento psicológico,

---

<sup>16</sup> Situámos o lugar da moral e da religião no pensamento de Antero no livro cit., pp. 126 ss.



deve corresponder, a não ser a consciência humana uma extravagância no meio do universo, à ciência mais funda das coisas"<sup>17</sup>.

A sua "situação", na linha do hegelianismo, teve portanto, alguma originalidade. Marx reagiu num sentido materialista e nele construiu uma filosofia de acção, de praxis. Kierkegaard reagiu, abandonando a preocupação sistemática e impessoal e refugiando-se no seu mundo interior. Antero conservou o fôlego espiritualista, tentou fazer uma síntese especulativa do pensamento e da ciência (e neste aspecto com mais acerto e êxito) mas não alcançou o mesmo êxito quando quis entrar no campo da acção já das reformas sociais já da ascese do seu mundo interior. E isto era grave porque, para ele, historicamente os homens de acção, os santos, é que detêm a primazia, e especialmente a filosofia está destinada a fundamentar uma ética.

Eis, em linhas breves, a posição filosófica de Antero de Quental. Rica por ter encontrado os novos problemas que surgiam no mundo de então, por ter permanecido fiel à sua aspiração metafísica e por ter procurado a síntese entre a especulação e as ciências (que encontrou divorciadas); mais hesitante quando tentou resolver os outros problemas que tumultuavam dentro de si e à sua volta. No entanto essa mesma posição está cheia de interesse, porque Antero lutou com esse tumulto, quis encontrar uma filosofia de acção, delineou, por isso, vagamente, uma moral e uma mística, tentou surpreender o seu mundo interior e libertá-lo das malhas de uma especulação impessoal e abstracta.

Por tudo isto — não falando das suas obras primas literárias<sup>18</sup>, Antero ainda vive. Apesar dos seus nervos doentios, da sua vontade inconstante, das suas decisões arrebatadas, das suas ideias nem sempre aprofundadas, houve nele uma chama de valores humanos que ainda nos aquece e solicita.

---

<sup>17</sup> *Cartas de Anthero de Quental*, p. 11.

<sup>18</sup> O mesmo Antero diz de si que "foi sempre mais poeta do que filósofo". *Cartas de Anthero de Quental*, p. 231.



Assim se explica que homens de formação tão diversa como António Sérgio, Leonardo Coimbra, Joaquim de Carvalho, Sant'Ana Dionísio, António Sardinha, Fidelino de Figueiredo, Vieira de Almeida, R. Galvão de Carvalho, Moreira das Neves, Feliciano Ramos, A. Veloso, Joel Serrão e tantos outros<sup>19</sup>, tenham encontrado em Antero objecto palpitante de estudo para o compreender, aceitar, completar ou repudiar. Este diálogo está vivo, na nossa filosofia da cultura, porque a voz de Antero ainda se não extinguiu.

É que ele não passa entre nós como um indiferente, como um Autor que já nada tem para nos dizer, como um morto da história. Muitos dos seus problemas permanecem os nossos problemas. E se não teve tempo de os aprofundar seriamente e de lhes encontrar as perspectivas adequadas teve o condão de os descobrir entre nós, de os discutir com talento excepcional, e de os olhar com sinceridade e humanidade.

---

<sup>19</sup> A Bibliografia sobre Antero encontra-se: em J. Bruno Carreiro, *Antero de Quental Subsídios para a sua Bibliografia*, 2 vols., Lisboa, 1948. No nosso livro cit. damos igualmente a bibliografia que mais interessa ao estudo do seu pensamento filosófico até 1959, nas pp. 135-138. Para o conhecimento das fontes e da formação de Antero é interessante o *Indículo da Livraria de Antero*, publicado no livro cit. de Bruno Carreiro, pp. 311-335.